

DOSSIÊ

Comunicação Urbana

EDITORIAL

Para estudar as cidades sob um viés comunicacional, consideremos, num primeiro passo, a complexidade de seu tecido social e material: produzido, desde os seus inícios, a partir de fluxos diversos vindos de fora — visitantes, migrantes, comerciantes, invasores trazendo modos de vida e de pensamento e construindo, assim, um meio caracteristicamente heterogêneo. Há um *espaço de comunicação*, um *trânsito* que escoa pelas vias urbanas diversas — transeuntes ao longo das ruas, veículos que os conduzem, informação ao longo de cabos ou carreada por dispositivos móveis. Formas de circulação e comunicação seguem deslocando, por vezes, as anteriores ou sendo adaptadas por elas, produzindo experiência, afetando o espaço construído e gerando formas de sociabilidade e de subjetivação.

Nesse rico cenário, as entradas são igualmente e necessariamente múltiplas para a questão da “comunicação urbana” — e os textos apresentados aqui neste número da Revista ECO-Pós fluem, por sua vez, evocando essa complexidade e formando, quem sabe, também uma multiplicidade.

Entre os tão bons artigos do dossiê, as excelentes resenhas, as belas imagens das fotos em nosso portfólio e dos desenhos na capa e na entrevista, o charmoso ensaio poético, o pensamento corre com liberdade e zelo — com a contenção da preocupação analítica, embora possa explodir aqui e ali num gesto mais ousado, e até mais singelo. O leitor verá que há fricções, escarpas nesse fluxo animado dos vários textos e imagens que trazem escolhas diversas e ao mesmo tempo parecem mesmo dialogar

num esforço comum. Afinal, eles atenderam, generosamente, à nossa chamada, e também por essa via se encontram. Aqui figuram, portanto, juntos e singulares. Neste ponto talvez o empenho de construção desta publicação fuja em parte à concepção do trabalho intelectual e universitário como se dando numa comunidade de iguais — reinterpretando as relações entre pares ao tomar como aliada, antes de tudo, a diversidade dos ímpares (embora lado a lado e em comunicação) e, se o esforço foi em alguma medida bem sucedido, buscando lançar esse trabalho num espaço aberto.

O leitor verá que iniciamos com um texto seminal, de autoria de David Morley, em que somos chamados a conceber a comunicação, como fizeram os primeiros sociólogos que se interessaram pelo tema e como fazem vários de nossos colegas hoje, como envolvendo não só os fluxos de signos de toda sorte, mas também os fluxos materiais de pessoas e mercadorias — justificando, assim, que aproximemos e reunamos num mesmo conjunto os estudos de transporte e de comunicação. Mas os fluxos semióticos precisam igualmente ser relançados na materialidade das geografias, dos dispositivos técnicos onde se ancoram, o que nos impediria, por exemplo, de tomar o virtual como uma espécie de mundo à parte. Entende-se como a afirmação dessa materialidade e a expansão do conceito de comunicação podem ser um primeiro passo indispensável para explorar a questão da comunicação urbana.

Em seguida, o artigo de Antoine Picon analisa o impacto das tecnologias de comunicação e informação na cidade, sobretudo com a figura do digital, no contexto de projetos de “cidade inteligente” (*smart city*), mostrando suas limitações e considerando com cautela suas potencialidades. Temos, ainda, as resenhas de Anna Berardi e Patrícia Burrowes, que retomam justamente estas inquietações. A primeira segue e problematiza os questionamentos de Adam Greenberg, que desafiam mais frontalmente esses projetos. A segunda, sobre o livro de Claudia Seldin, mostra, com a autora, a evolução das políticas urbanas movidas cada vez mais por uma abordagem de marketing das cidades sob a égide da “cultura” e da “criatividade”, apoiadas tipicamente na inovação tecnológica.

O texto de Reniê Solarevsky de Jesus e André Lemos descreve e analisa experiências de Internet das Coisas em Salvador, mostrando que ali se gera uma espécie de *smart city* “espontânea” que não parece se integrar num plano global de implementação, e ainda destacando a interessante intromissão do componente humano nesses projetos. Rosa Maria Pedro, Irme Bonamigo e Lucas Melgaço abordam, a partir da perspectiva da cartografia das controvérsias, um aspecto central desse tipo de iniciativa, o

videomonitoramento, e mostram como se apresenta no Rio de Janeiro, em Chapecó (Santa Catarina) e em Bruxelas, indicando suas especificidades e estratégias comuns.

Com o texto de Ricardo Freitas, o leitor verá como as figuras da “cidade-espetáculo” e da “cidade-mercadoria” emergem em épocas distintas, marcando a experiência urbana, e acompanhará o seu desdobramento no contexto de grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro — numa outra abordagem, ainda, da cidade contemporânea atravessada pelos projetos empresariais que mobilizam tecnologias de comunicação.

O texto de Talitha Ferraz examina um caso de resistência às intervenções urbanas que em geral se encarregam de abrir espaço para esses grandes eventos: o Movimento Cine Vaz Lobo, que, reunindo ativistas, antigos frequentadores e moradores desse bairro da Baixada do Irajá, no Rio de Janeiro, impediu a demolição dessa sala de cinema e hoje trabalha para a sua reativação. O cinema aparece como um aliado da ocupação coletiva dos espaços urbanos, em contraste com as mídias familiares, ao chamar à rua para uma experiência de especiação com desconhecidos na cidade.

Observem que a rica relação de vizinhança entre organização comunicativa e ocupação do espaço urbano também é explorada por mais dois textos do dossiê.

Francisco Sérgio Lima de Sousa e Márcia Vidal Nunes nos apresentam o bairro periférico de Grande Bom Jardim e alguns de seus moradores, em Fortaleza, foco da websérie *Cartas urbanas*, produzida pelo Coletivo Nigéria. Apresentando as conversas que tiveram com moradores e examinando ao mesmo tempo suas falas no contexto dessa produção, os autores as fazem fluir numa única série onde a ideia de esquecimento, contígua à de fronteira, vai revelando o abandono e a distopia que permeiam sua experiência, ao mesmo tempo que uma grande clareza e um pensamento muito ativo diante das dificuldades.

O texto de Neide Maria de Arruda e Francisco Leite explora um espaço singular de recepção da telenovela brasileira: em pleno movimento ao longo das viagens de ônibus na cidade de São Paulo. As análises das questões do transporte por ônibus e das construções pelas audiências dessa produção tão central em nosso país são consideradas em contiguidade, evocando a sugestão de David Morley para os estudos de transporte e de comunicação: diferentes chaves que sejam, pode ser proveitoso portá-las

num mesmo chaveiro.

A questão da cidade como campo de experimentação com a arte e a subjetividade é abordada em três textos que compõem, ainda, o nosso dossiê.

Em seu trabalho sobre a pichação em Belo Horizonte, Ana Karina de Carvalho Oliveira e Ângela Cristina Salgueiro Marques se concentram no fenômeno dos debates em que participam poder público e pichadores, discutindo conceitos de comunicação, discurso, maioria e minoria, explorando o problema da regulação dessa atividade na cidade e mostrando posições dos próprios pichadores.

Jhessica Francielli Reia, ao explorar o fenômeno da arte de rua em Montreal e no Rio de Janeiro, mostra como essas atividades, em alguma medida marginais nas cidades, ao serem reguladas nos diversos contextos e ao se imporem nos espaços públicos, podem revelar aspectos importantes das dinâmicas de acesso e de uso nesses contextos urbanos. Concentra-se na música e no teatro de rua, inclusive nos metrô — que erigem “palcos efêmeros” — trazendo dados de campo nas duas cidades.

Outra experimentação expressiva no campo urbano é analisada no texto de João Maia e Rodrigo Rossi Morelato, que acompanha Dona Josefa e sua casa autossuficiente no Morro da Esperança, localizado no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Trata-se de um projeto “verde” de uso das águas, realizado através de “ações táticas” locais e uma “bricolagem” criadora, como explicam os autores, e ao mesmo tempo em sintonia com as grandes questões ambientais em nível planetário.

A resenha de Márcia Bessa, sobre a rica e abrangente coletânea *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades* (organizada por Rosa Maria Pedro e Ana Maria Szapiro), acompanha um pouco a multiplicação de cidades e de questões do próprio dossiê ao construir um guia excelente dessa obra que celebra a multidisciplinaridade e a pluralidade nas abordagens da vida urbana, e onde se pode ler também o problema comunicacional. E, ainda, na seção Portfolio, o ensaio poético de Maria Helena Weber, tão inspirado, apresenta, ao evocar trajetos urbanos, uma cidade também múltipla — dura e severa, mas também fascinante — e que, afinal, parece sempre escapar ao discurso que tenta explicá-la.

Nosso número conta ainda com a seção Perspectivas, que reúne textos de temática diversa. Assim, com o artigo de Guilherme Barbacovi Libardi e Elisa Reinhardt Piedras, temos a entrada de uma outra cidade, em contiguidade com o dossiê Comunicação Urbana: Porto Alegre. Os autores estudam a

produção e o consumo do funk por jovens mulheres, explorando as estratégias de visibilidade midiática mobilizadas e apontando como o funk pode funcionar como uma linha de escape de uma realidade adversa, mas imbuída ao mesmo tempo da alegria do ritmo e da dança. E o feminino aparece ainda como um dos componentes analisados por Lúcia Loner Coutinho no contexto das narrativas de *teen dramas*, em que a autora explora as construções de identidade masculina e feminina a partir das representações de amor e sexualidade.

Luis Felipe Silveira Abreu, André Corrêa da Silva de Araujo e Alexandre Rocha da Silva fazem uma análise da obra de Roland Barthes seguindo e articulando os conceitos de *fait divers*, *punctum* e biografema. Julherme José Pires e Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre tratam de questões de etnocentrismo e poder na série *Jogos vorazes* e na interface com suas apropriações no contexto brasileiro. Natasha Marzliak e Gilberto Alexandre Sobrinho exploram as afinidades entre a construção de uma obra de Hélio Oiticica e Neville D Almeida e experimentações artísticas e cinematográficas no Rio de Janeiro nos anos 1960 e 1970, ao mesmo tempo buscando aprofundar a noção de “quase-cinema”.

Ainda em contiguidade com o nosso dossiê — e de fato produzido também como uma celebração das questões que ele levanta —, o Portfolio de imagens “A cidade como paisagem” foi organizado e introduzido por Fernando Gonçalves, e reúne fotos de Ana Kemper, Antonio Schubert, Fernando Gonçalves, Márcia Foletto e Vladimir Freire. Temos aqui uma outra forma de fruição ao alcance do leitor, que recorre ao sensível para construir, à sua maneira, um pensamento das cidades.

Finalmente, o prazer especial de entregar aos leitores uma entrevista com René Schérer — importante filósofo contemporâneo, pensador cuja grandeza, de fato, não cessa de evocar o que Deleuze e Guattari chamaram de “menor”, ou seja, um estado de ruptura com os centros dominantes e criador de enunciados novos. Além de sua fala viva e generosa na entrevista, temos a sorte de publicar algumas das aquarelas de seus cadernos de viagem, mostrando suas visitas a cidades do mundo.

Comunicação Urbana deseja, em suma, apresentar ao leitor algo do que, de diversas formas, estamos hoje escrevendo e estudando inspirados por esta questão múltipla e hospitaleira. E também, com esta afirmação, convidar a outros e novos pensamentos, contribuir para a abertura de possibilidades em nome de um futuro.

Janice Caiafa

Com a colaboração de Julio Bezerra e da Equipe Editorial da Revista ECO-Pós

EXPEDIENTE

EDITORES ADJUNTOS

Anita Leandro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Janice Caiafa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITOR EXECUTIVO

Julio Bezerra, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITORES ASSISTENTES

SECRETARIA

Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Luíza Alvim, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Vinícius Ferreira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Vinícius Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

REVISÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Alessandra Maia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Anna Carolina Bentes – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Artur Seidel – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Camila Damico Medina – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Francine Tavares – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Hermano Callou – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Luana Bonone – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Luana Bulcão – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Pablo Santana – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Paulo Faltay – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Plínio Fraga – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Roberta Avillez – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Victor Vicente – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

INDEXAÇÃO

Fernanda Lima Lopes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

TRADUÇÃO E VERSÃO

Camila Vieira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Joana Negri, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

CAPA

Aquarela de René Schérer

DIAGRAMAÇÃO

Bianca Pinheiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Bruna Rodrigues, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Diego Paleólogo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Yago Barbosa de Araújo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Goulart Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Andrew Calabrese, University of Colorado, Estados Unidos

Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Ben Singer, University of Wisconsin, Estados Unidos

Bruno Campanella, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dênis de Moraes, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Erick Felinto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Francisco Rüdiger, PUC-RS, Brasil

Guillermo Mastrini, Universidade de Buenos Aires, Argentina

Gunhild Agger, Universidade de Aalborg, Dinamarca

Horace Newcomb, Georgia University, Estados Unidos

Itania Gomes, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Kátia Lerner, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Luis Albornoz, Universidad Carlos III de Madrid, Espanha

Luis Felipe Miguel, Universidade de Brasília, Brasil

Lynn Spigel, Northwestern University, Estados Unidos

Márcia Benetti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Marco Antonio Roxo da Silva, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Maria Helena Weber, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Maria Immacolata Vassalo Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil
Michael Schudson, Columbia University, Estados Unidos
Mirta Varela, Universidade de Buenos Aires, Argentina
Muniz Sodré, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Othon Jambeiro, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Vanessa R. Schwartz, Universidade de Princeton, Estados Unidos
Vera França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

PARECERISTAS DA EDIÇÃO

Alessandra Oliveira Araújo, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Ana Regina Rêgo, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Andre Lemos, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Ariane Holzbach, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Camila Marques, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Cíntia Fernandes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Éverly Pegoraro, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Brasil
Flora Daemon, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Francisco José Paoliello Pimenta, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
Glória Diógenes, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Itania Gomes, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Jhessica Reia, Fundação Getúlio Vargas, Brasil
João Maia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Lavina Ribeiro, Universidade de Brasília, Brasil
Lidiane Pinheiro, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Liliane Dutra Brignol, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Lucimara Rett, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucrécia D'Alessio Ferrara, Universidade de São Paulo, Brasil

Marcelo Rodrigues Souza Ribeiro, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Mayka Castellano, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Patrícia Burrowes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Machado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Paulo Victor Barbosa de Sousa, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Rita de Cássia Alves de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Ricardo Freitas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Roberta Veiga, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Simone Pereira de Sá, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Vania Oliveira Fortuna, Universidade Veiga de Almeida, Brasil